

A GÊNESE PSICOPATOLÓGICA DA RELIGIÃO EM FEUERBACH E FREUD: APROXIMAÇÕES ENTRE FILOSOFIA E PSICANÁLISE

THE PSYCHOGENESIS OF RELIGION IN FEUERBACH AND FREUD: AN APPROACHING BY PHILOSOPHY AND PSYCHOANALYSIS

Kelvin Amorim de Melo¹

Resumo:

Esse trabalho tem como objetivo apresentar a explicação psicológica da religião segundo Ludwig Feuerbach (1804 – 1872) e Sigmund Freud (1856 – 1939) através do conceito de objetivação da consciência em Feuerbach e do conceito de projeção tratado por Freud. Também destacamos a influência do pensamento de Feuerbach na interpretação freudiana sobre a religião, visto a aproximação teórica dos pensadores na compreensão do aspecto psicopatológico religioso. Feuerbach procura demonstrar em *A Essência do Cristianismo (1841)* e *Preleções sobre a Essência da Religião (1851)* que a religião tem seu fundamento na objetivação de uma consciência natural invertida da realidade factual para uma realidade fantasiosa, como a ideia do deus imaterial, a qual tem consequências negativas para a convivência humana. Freud, especialmente em sua obra *O futuro de uma ilusão (1929/30)* e *Mal-estar na cultura (1927)* nos apresenta semelhante perspectiva, a saber, de que na religião o homem projeta a própria consciência numa “consciência externa”, no entanto, destituída de realidade, ou seja, uma ilusão que tem como meta outra realidade, uma “realidade” imaterial. Assim, para ambos os pensadores, a religião é caracterizada como uma patologia psíquica visto a existência da crença em algo inumano.

Palavras-chave: Religião. Patologia psíquica. Alienação. Filosofia. Psicanálise.

Abstract:

This work aims to present the psychological explanation of religion according to Ludwig Feuerbach (1804 – 1872) and Sigmund Freud (1856 – 1939) through the concept of objectification of consciousness in Feuerbach and the concept of projection treated by Freud. We also highlight the influence of Feuerbach's thought on freudian interpretation of religion, given the theoretical approach of thinkers in understanding the religious psychopathological aspect. Feuerbach seeks to demonstrate in *The Essence of Christianity (1841)* and *Predictions on the Essence of Religion (1851)* that religion has its foundation in the objectification of an inverted natural consciousness of factual reality to a fanciful reality, such as the idea of the immaterial god, which has negative consequences for human coexistence. Freud, especially in his work *the future of an illusion (1929/30)* and *Malaise in culture (1927)* presents us with an analogous viewpoint, namely that in religion man projects his own consciousness into an "external consciousness", however, devoid of reality, that is, an illusion that aims at another reality, an immaterial "reality". Thus, for both thinkers, religion is characterized as a psychic pathology given the existence of belief in something inhuman.

Keywords: Religion. Psychic pathology. Alienation. Philosophy. Psychoanalysis.



Introdução

A discussão sobre o rompimento do pensamento teológico, que dará vazão ao moderno-científico, teve seu início durante o iluminismo no início do século XVII. A vontade de autonomia e liberdade levou inúmeros pensadores a refletirem sobre as verdades dogmáticas da Igreja Católica. A temática sobre a religião ainda nos mostra grandes possibilidades de desenvolvimento mais aprofundado sobre a explicação psicológica do fenômeno religioso, que mesmo frente às conquistas filosóficas e científicas, ainda pode ter consequências negativas, no que tange a sua atuação na sociedade.

A preocupação do iluminismo com a religião não se parece, como observamos no pensamento de Eagleton (2018), Armstrong (2009), Serrão (2015) e Souza (1993), exatamente concentrada sobre uma proposta de ateísmo vulgar ou do “escarnecimento de deus” pelas ideias contraditórias propostas pela religião. Mas, um ateísmo composto pela militância voltada para o próprio homem, na sua afirmação e constituição enquanto ser individual, o que tem como consequência o afastamento religioso. A meta é reconstituir o homem, não com o objetivo de afastá-lo de deus mas, de reencontrar o homem para que ele não precise de deus.

Assim, Zilles (1991, p. 99) afirma que “o nascimento do ateísmo moderno nasce com a radicalização do Iluminismo francês, e depois com Feuerbach, Marx, Nietzsche e Freud” os quais atentaram-se a uma profunda interpretação do fenômeno religioso ao denunciar os sistemas de crenças que, grosso modo, ora servem como contenção social ora como suporte existencial amparador.

Assim, temos como objetivo central neste trabalho compreender a explicação psicológica da religião segundo Ludwig Feuerbach (1804 – 1872) e Sigmund Freud (1856 – 1939) através do conceito de objetivação da consciência em Feuerbach e do conceito de projeção tratado por Freud. Enquanto Feuerbach concentra sua crítica na teologia e filosofia especulativa, descrita pelo autor como negativa, Freud centra sua crítica à religião sob a perspectiva de que a mesma seria uma realidade ilusória criada pelo próprio homem. Ambos consideram a religião como uma criação psicopatológica da consciência.

Diante disso, temos como intuito também, esclarecer questões como: qual a razão da religiosidade? Quais as consequências da religião no desenvolvimento do processo civilizatório humano? É possível para humanidade viver sem religiões? Há consequências éticas, positivas ou negativas, de tal fato? Diante de tais questionamentos, pretendemos elucidar alguns pontos considerados importantes para o debate sobre a gênese psicológica da religião em Feuerbach e Freud.

As implicações da questão da religião possui grande relevância na discussão contemporânea. Ao se estabelecer um ponto de contato entre os objetivos da filosofia e da psicanálise almejamos um retorno social positivo, visto a responsabilidade do uso de ambos os campos do saber para que seja possível aos humanos melhor convivência com a natureza e consigo próprio. Assim, através da filosofia da religião feuerbachiana e da psicanálise de Freud, novas perspectivas sobre a compreensão do fenômeno religioso podem se abrir.

Das obras de Feuerbach em relação a religião destacamos *A essência do Cristianismo (1841)* e *Preleções sobre a Essência da Religião (1851)* e de Freud, tratamos nesse estudo, as obras *O futuro de uma ilusão (1927)* e *Mal-estar na*

cultura (1929-30). Também foram utilizados artigos e livros de comentadores de ambos os pensadores como Gomes (2020), Arcanjo (2020), Veliq (2017), Bertoldo (2016) e De Paula (2007), no que diz respeito aos princípios da crença religiosa, respeitando as fronteiras epistêmicas e metodológicas de cada saber.

No primeiro tópico, analisamos a aproximação entre a compreensão de Feuerbach e Freud sobre a explicação psicológica do fenômeno religioso. É importante destacar que o levantamento bibliográfico aqui elaborado tencionou observar as aproximações entre o entendimento de ambos os pensadores a respeito da manifestação religiosa, visto as semelhanças identificadas nas teses, tanto através da leitura das próprias obras quanto das pesquisas desenvolvidas nos artigos consultados sobre o tema.

No segundo tópico, examinamos a função da religião e da cultura no desenvolvimento psíquico humano. As restrições impostas pela religião aos desejos individuais do sujeito, para que seus atos não venham a ferir a moral e ética social, tem como consequência a cultura humana. A religião e a cultura tiveram grande influência sobre o comportamento do homem primitivo no desenvolvimento de seu processo civilizatório.

No terceiro e último tópico, foi discutida a relação entre amadurecimento psíquico e o processo de abandono da religião, ou secularização, como é chamado o fenômeno de enfraquecimento da religião e o processo de conscientização ou amadurecimento psíquico do homem sobre si mesmo na contemporaneidade. O homem, ao elevar seu nível de consciência sobre si mesmo, passa a compreender sua realidade, o que faz com que seu processo de mudança seja verdadeiro e autêntico.

Assim, foi possível concluir a importância que do sentimento religioso teve para o homem primitivo, mas que, no entanto, a criação de ilusões e promessas fantásticas ofertadas pela religião nos leva a negação dessa, não no tempo do homem primitivo, mas, atualmente, para o homem contemporâneo cujo conhecimento lhe permite lidar com tais fantasias e promessas.

Aproximações entre Feuerbach e Freud: o que a religião tem a revelar sobre o homem?

Feuerbach e Freud foram pensadores que deixaram grandes contribuições à humanidade no que diz respeito à compreensão da relação do homem com a religião ou com deus. Os posicionamentos dos pensadores em relação à religião encontram-se pautados no próprio homem e no seu conhecimento acerca do mundo e de si mesmo. Através do esclarecimento psicológico da necessidade e vontade de um poder superior transcendente, através do conhecimento psicogenético da religião, torna-se possível compreender a existência humana.

De acordo com Veliq (2017) os humanos sempre tomam como ponto de referência sua própria existência para expressar seus deuses, seja por conta do medo ou por agradecimento pela proteção, ao que é considerado temeroso, seja ele real (natureza) ou algo completamente sem realidade (consciência ou pensamento).

A influência da filosofia de Feuerbach sobre a psicanálise em relação a análise religiosa feita por Freud é descrita por Gay (2012, p. 45): “Feuerbach tinha muito a ensinar a Freud, tanto em conteúdo quanto no estilo: considerava

seu dever desmascarar a teologia, revelar suas raízes puramente mundanas na experiência humana”. Além disso, o próprio Freud destinou correspondência a seu amigo Silberstein para contar-lhe da experiência com a leitura das obras de Feuerbach. Freud escreveu que “entre todos os filósofos [...] é este o homem [Feuerbach] que mais venero e admiro (p. 45).”

Zilles (1991, p. 139) também deixa claro que “a psicanálise freudiana tem pressupostos antropológicos. De maneira análoga a Feuerbach, Freud quer defender o homem através da tentativa de descobrir a gênese psicológica da religião e da idéia (*sic*) de Deus”.

Wartofsky (2011, p. 01, tradução nossa) em sua obra intitulada *Feuerbach*, logo no prefácio de seu livro indica que “quanto aos melhores insights de Feuerbach, eles foram absorvidos e transformados através das obras de Marx, Freud, Dewey e Lukács²”. Assim, se pode observar a notoriedade, influência e profundidade do pensamento de Feuerbach entre diversos pensadores além de Freud.

No que diz respeito à compreensão do sentimento religioso, De Paula (2007) afirma que tanto Feuerbach quanto Freud veem nas religiões uma forma de manifestação superlativa do homem. Na linguagem de Feuerbach, como a objetivação da consciência mesma, ou como uma forma de projeção na linguagem freudiana. Assim, ambos os pensadores, ao descortinarem os aspectos fantasmagóricos e de sufocamento humano na relação com a religião, ofereceram para seu tempo e para nós, contemporâneos, argumentos sólidos para a defesa de nossos pressupostos.

Feuerbach (2012, p. 13) afirma que o tratamento que ele dá para a religião concentra-se enquanto uma “patologia psíquica” inconsciente. Freud (2010, p. 73) dá prosseguimento ao tema “das religiões da humanidade como delírios coletivos”. Ambos consideram que a religião é uma patologia psíquica, caracterizada como uma ilusão individual e coletiva. Assim, destacam os aspectos patologizantes da crença religiosa e fazem crer que a humanidade só se verá curada através do esclarecimento obtido com a educação e o conhecimento.

De acordo com Serrão (1998, p. 19) as críticas desenvolvidas por Feuerbach concentram-se em dois campos, que a primeira vista podem parecer diferentes, mas que, no entanto, juntos, fazem com que os motivos dos ataques ácidos de Feuerbach sejam mais facilmente compreendidos, os quais destacam-se “a análise crítica da religião e a contestação dos fundamentos da tradição filosófica”. Assim, o método utilizado por Feuerbach a sua crítica a religião se constitui por “a) pela fase da inversão (*Umkehrung*) do sujeito divino em sujeito humano, e b) pela explicitação (*Entwicklung*) do significado humano inerente aos múltiplos predicados divinos” (SERRÃO, 2014, p. 31).

Bertoldo (2016) afirma que para Freud o conhecimento científico triunfaria sobre a cultura, e assim, a cultura seria resgatada de sua fase infantil, pois, de acordo com o pai da psicanálise, a religião seria também uma ilusão, visto que esta é uma crença motivada pela realização de um desejo por proteção e amparo. Apesar do enfoque dado à importância da religião no desenvolvimento humano na ética e moral, Freud dá indícios de que os seres humanos já conseguem lidar com a ideia de liberdade e responsabilidade sem um deus, uma vez que temos consciência da responsabilidade decorrente da liberdade.

Quanto as necessidades religiosas, parece-me imperioso derivá-las do sentimento infantil e do anseio da presença paterna que ele desperta, tanto mais que esse sentimento não se prolonga simplesmente a partir da vida infantil, mas é conservado de modo duradouro pelo medo das forças superiores do destino (FREUD, 2010, p. 56).

Assim, a crença em seres sobrenaturais é vista por Freud como fase infantil do temor e da dependência de um pai que, marcada pela ausência de aceitação da realidade adulta, ou seja, como reconhecedor dos seus limites fisiológicos e morais, leva os humanos, ainda presos fase infantil, a crerem em entidades inumanas que são capazes de oferecer-lhes tanto o bem quanto o mal, mas de forma fictícia, que possui realidade apenas em si mesma.

Feuerbach também já havia alertado, antes mesmo de Freud, para a relação de sentimento de dependência primevo provocado pela religião ao dizer que:

Qualquer que tenha sido a influência, consciente ou inconscientemente, que meus pais possam ter exercido sobre mim, que me importa o passado? *Agora tenho meu pai e minha mãe somente em mim mesmo, agora nenhum ser me ajuda mais, mesmo nenhum Deus, se eu mesmo não me ajudar; eu me levanto e caio pela própria força. As roupas que um dia o cuidado de meus pais colocou sobre o meu corpo já apodreceram há muito; por que deixarei então meu espírito embrulhado em panos que meu corpo já abandonou* (FEUERBACH, 2009, p. 117-118.)

Os esforços de Feuerbach e Freud foram direcionadas para a compreensão do aspecto religioso enquanto objetivação e projeção do sentimento religioso, respectivamente, pela sensação de incapacidade diante das limitações provocadas pelos sentidos e sentimentos, e pela impotência dos humanos frente ao curso desconhecido da vida.

De acordo com Arcanjo (2020, p. 22):

Feuerbach, ao definir sua doutrina em homem e natureza, une antropologia com fisiologia e almeja evidenciar a sensibilidade humana e a total dependência do homem pela natureza, no qual este deve sua origem e reconhecimento de que ela é sua fonte de vida e morte, ou seja, assim como assegura a vida, é também a que lhe impõem limites.

Tanto a crítica de Feuerbach quanto a de Freud, à religião, tem como meta o esclarecimento psicológico do homem de sua situação de auto servidão inconsciente. Assim, o objetivo da emancipação do homem de suas crenças fantasiosas, ilusórias e sobrenaturais tem como intuito a realização humana enquanto ser pertencente a uma natureza como ela é em si e por si mesma.

Cultura e religião: os instintos (*trieb*) primitivos humanos e a convivência em sociedade

Freud (2010, p. 87) afirma que, por cultura se pode compreender, “todas

as atividades e todos os valores que servem ao homem na medida em que colocam a Terra a seu serviço, *protegem-no contra as forças da natureza etc.*” Nesse aspecto, a cultura é, num primeiro momento para o homem primitivo, a junção de todos os esforços individuais do grupo para que pudessem lidar com as forças da natureza em prol da própria existência, visto que, o homem em grupo consegue fazer aquilo que não faz sozinho.

A transformação de poder individual para o poder coletivo foi crucial para o desenvolvimento da cultura, pois:

A substituição do poder do indivíduo pelo poder da comunidade é o passo cultural decisivo. Sua essência consiste no fato de que os membros da comunidade se restringem em suas possibilidades de satisfação, enquanto o indivíduo não conhecia tais restrições (FREUD, 2010, p. 97).

Feuerbach (2012, p. 51) também salienta que “com a ascensão do homem do estado de rudeza e selvageria para a cultura, com o discernimento do que convém e do que não convém, surge simultaneamente do que convém a Deus e o que não convém”. Assim, a religião é a primeira forma de cultura, visto que o papel da construção de Deus foi para o homem rude a possibilidade da convivência em conjunto, que era exigida por conta do temor e desconhecimento das manifestações da natureza, mas que, por sua vez, passou a mostrar a limitação da individualidade de sua consciência nessa relação com o outro.

É certo que são destacados os aspectos importantes da religião por Freud (2014) como garantidores da formação da cultura, o que possibilita os meios mínimos para a convivência em conjunto, no entanto, a religião, seguindo seu curso natural, acabou por se tornar mais uma forma de empecilho para o progresso da civilização visto que impele os humanos a uma ilusão. Para Freud a religião é uma forma de cultura que visa aplacar os desejos mais profundos através da ameaça de um inferno que só é vivenciado pós-morte, como ocorre no cristianismo.

Essa religião, remota ou primitiva, a que se refere Freud, ocupava um espaço de repressão dos instintos primitivos “[...] como canibalismo, incesto e ânsia de matar” (DE PAULA, 2007, p. 163). Foi por conta desses instintos que os humanos encontraram na religião a única forma de agrupar-se sem a existência de violências graves que pudessem extinguir o grupo, a comunidade. A cultura é tudo aquilo que atua na contenção dos desejos individuais para que seja possível a convivência em grupo, não por vontade deliberada, mas por necessidade.

aí estão as doenças, que apenas há pouco tempo reconhecemos como sendo ataques de outros seres vivos; por fim, o doloroso enigma da morte, para o qual até agora não se descobriu nenhum remédio e provavelmente nunca se descubra. Com tais forças, a natureza se subleva contra nós, imponente, cruel e implacável, colocando-nos outra vez diante dos olhos a nossa fraqueza e o nosso desamparo, de que pensávamos ter escapado graças ao trabalho da cultura (FREUD, 2014, P. 57).

A garantia da própria existência na natureza deve-se ao fato das tentativas

humanas de domínio sobre as forças maiores que atuam sobre seu próprio corpo, seu organismo. A morte, maior limitação natural humana caracterizada pela perda do corpo, e logo, da consciência, coloca o homem em situação de extrema fraqueza e vulnerabilidade. Esse acontecimento intrínseco aos seres vivos, os perturba, no entanto, o desconforto ocasionado pela consciência da própria finitude corpórea é utilizado a favor da sua própria consciência como possibilidade da imortalidade do pensamento (alma) frente à passividade do corpo diante das forças da natureza.

Zilles (1991, p. 139) afirma que:

para defender-se contra a força ameaçadora da natureza, o homem a humaniza, transformando-a em elementos pessoais. Essa tarefa, segundo Freud, é continuação, sob outra forma, da condição infantil, ou seja, da atitude da criança diante do pai. De um lado, a criança teme o pai; de outro, sabe que pode contar com ele para sua defesa contra os perigos.

Consideramos, assim, a dimensão dúbia do sentimento religioso, pois, o mesmo Deus que dá ao homem a possibilidade de viver em conjunto com a natureza, realizando suas vontades e desejos, é também o Ser que o retira bruscamente da vida, sem nenhuma previsão. A condição da fase infantil aqui encontra-se destacada, visto que, ao ser impossível a tomada de atitude frente a força maior, seja ela a natureza ou deus, o homem os adora e os personifica como seres que provocam medo, mas ao mesmo tempo dão proteção.

Feuerbach (2009, p. 97) também analisa esse aspecto duplo do sentimento religioso ao afirmar que:

A necessidade que me obriga a consumir um objeto tem em si a ambiguidade de me subordinar ao objeto, assim como de subordinar o objeto a mim, sendo este tanto religioso quanto irreligioso. Quando analisamos a necessidade em seus elementos, em seus momentos, como dizem os filósofos modernos, encontramos nela a falta e o gozo de um objeto.

Freud (2010, p. 90) destaca que “em tempos remotos, ele [o homem] formou um ideal de onipotência e onisciência que corporificou seus deuses. A eles atribuiu tudo que parecia inacessível aos seus desejos – ou que lhe era proibido”. O gozo provocado pelo sentimento religioso, para as dores humanas, é apenas ilusório, pois, apenas é satisfeito na imaginação daquele que a fantasia, mas nunca na realidade presentemente.

Assim, a religiosidade cumpre um papel de estagnação pessoal diante dos acontecimentos sociais que devastam a humanidade, não somente no ser individual, mas também no ser coletivo. Esse comportamento de sentimento religioso frente a todo o poder da natureza ou de Deus, dá ao homem a sua única e última possibilidade de continuar vivendo, mesmo não tendo corpo biológico, e essa possibilidade é a *mera imaginação*. A mera imaginação é utilizada para aplacar as dores do destino ou como forma de agradecimento à conquista alcançada, que foi possibilitada por um ser maior.

É verdade que a natureza não exige de nós quaisquer restrições dos impulsos; ela nos deixa fazer o que quisermos, mas tem a sua maneira

especialmente eficiente de nos restringir; ela nos mata de modo frio, cruel e sem consideração, segundo nos parece, e, talvez, justamente nas ocasiões de nossa satisfação (FREUD, 2014, p. 61).

Isso tem como consequência o recebimento de uma premiação pós-morte em favor da mortização do indivíduo em sua subjetividade pelo não reconhecimento de suas próprias potencialidades.

Arcanjo (2020), ao citar Feuerbach, destaca que as práticas religiosas tiveram seu início a partir da relação do homem com a natureza, a qual demonstra para o homem tanto a segurança de estar vivo, quanto as hostilidades que nela encontramos. Fenômenos naturais, animais e outros humanos, foram para os homens fatores constituintes de sua formação de consciência, pois ora o homem os vê como benéficos para a sua vida e ora os vê como seres que podem restringir-lhes a vida.

A elevação de uma religião primitiva da natureza para uma religião da consciência são acontecimentos explicados através da compreensão da manifestação religiosa, como se mostra na história mais antiga da humanidade conhecida pelos humanos, até os tempos mais recentes. Lopes (2014, p. 107), ao citar Feuerbach diz que “a natureza é o fundamento do indivíduo (*individuum*). Todos os seres são os organismos naturais, mais ou menos complexos.”

Feuerbach, antes de Freud, já havia falado a respeito do grande problema da cisão existente entre o homem e a natureza, e sua relação com a religião. A natureza demonstra, para todos os seres vivos, seu poder sobre suas vidas impotentes, limitadas. Essa demonstração de força da natureza, e de impossibilidade de ação humana frente a ela, Feuerbach traz como fundamento da religião, baseado no sentimento de dependência dos humanos em função do medo e do agradecimento.

Abandono da religião e amadurecimento psíquico

Vimos que a religião exerceu e ainda exerce grande influência sobre as relações humanas. A contenção dos desejos primevos e o provimento de respostas existenciais para dar um significado externo a vida, foram contribuições para que ocorresse o processo de formação da humanidade enquanto sociedade.

Isso auxiliou os indivíduos para que pudessem se agrupar, sem o inconveniente de aparecimento dos instintos primitivos. Freud (2010, p. 97) confirma essa tese ao dizer que “a convivência humana só se torna possível quando se reúne uma maioria que é mais forte do que cada indivíduo e que permanece unida contra cada um deles”. A religião é matéria de estudo nas mais diversas áreas do conhecimento por se deter sobre um objeto específico do homem: sua origem e fim. A compreensão filosófica acerca de Deus perpassou por inúmeras formas de compreensão, da Grécia antiga até a contemporaneidade.

De acordo com Gomes (2020), a primeira aparição que se tem conhecimento da discussão sobre a possibilidade da concepção divina, por explicação psicológica projetiva, é de Xenofanes de Cólofon (570 e 475 a.C), como precursor da ideia de um deus que é a essência do homem ou do povo que o adora, mas de forma hiperbólica³.

Para Veliq (2017), pode-se dizer que a religião atua em sociedade de duas

formas: i) como criadora dos princípios primitivos da ação ética e moral e ii) como um anestésico da angústia humana frente ao desconhecimento de seu destino, sua finalidade, especialmente no que diz respeito à consciência de sua extinção, ocasionada pela morte. Enquanto, na primeira, a religião atua como processo civilizador, na segunda, o sentimento religioso está relacionado com a mitigação do sentimento do medo primitivo de desamparo e abandono.

Para alguns iluministas, a religião apresentara-se como um grande equívoco da humanidade. E, mesmo que seja possível reconhecer sua utilidade ao homem primitivo, mostra-se hoje com mais malefícios do que benefícios para as relações humanas, visto seu aspecto alienante e fantasioso.

De acordo com Zilles (1991) o desenvolvimento da racionalidade científica a partir de suas comprovações empíricas, passou a abalar os pilares da fé em um ser transcendente ainda no início do século XVII. No entanto, a sociedade ainda não abandonou a religião de todo e aponta para isso como uma possibilidade distante, pois a religião trata também da ação ética.

Lopes (2014) afirma que esse tema trouxe à tona questões sobre a ética e a moralidade, pois até o século XVII compreendia-se que Deus era o pressuposto da moralidade, logo sem ele teríamos uma sociedade completamente imoral e antiética. Nesse sentido, o crescimento da perspectiva de crescimento em comunidade, sem a necessidade de um deus transcendental, nos mostra sua face em diversas épocas da história da literatura filosófico-moderna.

Para Freud (2014) os humanos revelam sua fase de identidade infantil na religião, uma vez que, a figura do pai protetor habita nela, no entanto, essa figura protetora provoca consequências negativas para o processo de amadurecimento psíquico humano, pois não há a afirmação da fase adulta, mesmo após a fase de crescimento físico.

Feuerbach também retoma a questão do “amadurecimento psíquico” ao fazer uma analogia a um fato cotidiano. Assim, afirma que um filho só precisa de um pai e um pai só precisa de um filho até quando as necessidades do filho ainda não podem ser supridas por ele próprio. Assim, após alcançada a capacidade do filho de ser pai, deixará ele esse passado e irá experienciar a própria vida enquanto ser que pode criar-se sozinho, de forma autônoma. Assim, diz Feuerbach (2009, p. 118): “a conclusão foi que o homem, não obstante sendo primitivamente uma criança, é ao mesmo tempo pai, não obstante efeito, é ao mesmo tempo causa, não obstante dependente, é ao mesmo tempo autônomo”.

O amadurecimento psíquico torna-se algo de grande importância para que os humanos compreendam a própria responsabilidade, pelo agir livre, de seus comportamentos. As contribuições que um dia foram ofertadas pela religião primitiva, como forma de explicação do mundo e do homem mesmo, foram válidas para a construção humana ainda quando estava em sua fase de desenvolvimento.

O crescimento e amadurecimento psíquico tem como objetivo a superação do sentimento de desamparo/dependência provocado pela religião, ao aderir a ideia do homem em sua integralidade.

Considerações Finais

As formulações filosóficas e psicanalíticas elaboradas por Feuerbach e

Freud nos trouxeram grandes contribuições para que fosse possível compreender a religião/deus em sua gênese psicológica. Dessa forma, Feuerbach nos mostra que as religiões tratam-se da objetivação da consciência do homem, mas de forma invertida e deificada. Em Freud, a religião é concebida como projeção dos desejos profundos dos humanos.

Os subsídios teóricos fornecidos pela literatura encontrada nos permitem afirmar que na fase primitiva do homem a religião foi de grande valia. A necessidade natural dos seres vivos em manterem-se em grupos, obrigou o homem a criar regras para que fosse possível a convivência sem a ocorrência de crimes que ferissem a comunidade.

Os instintos mais primitivos humanos já tiveram seu tempo, para que fossem compreendidos como maléficos para o convívio social. Resta-nos pensar e refletir sobre a efetividade da religião em sociedade diante de suas promessas de melhoria de vida. A junção entre as ideias de deus primitivo (deus criador) e o deus amparador (deus do homem moderno) nos apresenta a disparidade dos momentos históricos vividos com o homem rude e as necessidades do homem contemporâneo, onde as religiões e deuses são voltadas para a possibilidade de experimentar um milagre por conta da precariedade social tanto a nível moral quanto econômico.

Hoje, na contemporaneidade, a fé concentra-se sobre a possibilidade de uma vida pós-morte boa, visto que, na realidade, conquistar o mínimo para a própria existência física é de ordem do milagre. As necessidades sociais tornaram-se imperiosas de tal forma que a existência da religião em sociedade se torna um mecanismo de autoconvencimento da condição de *status quo* da miséria como forma de engrandecimento. A religião, cumpriu seu papel na contenção dos instintos e na criação de uma consciência, mas para o homem hodierno passou a tomar outras conotações que não se limita à existência de um ente extracorpóreo que apenas criou o universo.

O desaparecimento total da religião apenas irá ocorrer quando as necessidades básicas dos humanos forem supridas por suas próprias ações públicas e de forma gradativa. O que vemos na atualidade é um grito do desespero humano ao nada, frente à desesperança de uma vida terrena, a saber, a única, boa de ser vivida. A vida deve ser querida e aceita em suas contingências, mas não sob qualquer custo, ainda mais quando o prestar de contas, seja ele positivo ou negativo, está para depois da vida.

Tentamos aqui fazer uma assimilação entre conceitos de pensadores distintos, mas que ocuparam-se do mesmo objeto: a religião enquanto fenômeno psicopatológico humano, ilusório e maléfico para a humanidade.

Referências Bibliográficas

ARCANJO, R. F. N. Sentimento de dependência, medo e egoísmo nas Preleções sobre A essência da Religião de Ludwig Feuerbach. **Revista Eros**, Sobral, v. 2. Pp. 19-37, jan./dez, 2020. Disponível em: <https://helius.uvanet.br/index.php/eros/article/view/131>

BERTOLDO, F. C. Freud e sua relação com a religião. **Anais Asset**. Editora PUCRS, 2016. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/assets/9.pdf>

DE PAULA, Márcio Gimenes. O futuro de uma ilusão: algumas reflexões entre Feuerbach e Freud. **Revista AdVerbum**. 2 (2) Jul a Dez de 2007: pp. 161-171. Disponível em:

http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/adverbum/Vol2_2/feuerbach%20freud.pdf

FEUERBACH, L. **A essência do cristianismo** / Ludwig Feuerbach; tradução e notas de José da Silva Brandão. – 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FEUERBACH, L. **Preleções sobre a Essência da Religião** / Ludwig Feuerbach; tradução de José da Silva Brandão. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FREUD, S. **O mal-estar na cultura** / Sigmund Freud; Tradução de Renato Zwick; Revisão técnica e prefácio de Márcio Seligmann-Silva; Ensaio bibliográfico de Paulo Endo Sousa. – Porto Alegre, RS: L&MP, 2010.

FREUD, S. **O futuro de uma ilusão** / Sigmund Freud; Tradução de Renato Zwick; Revisão técnica e prefácio de Renata Cromberg; Ensaio bibliográfico de Paulo Endo Sousa. – Porto Alegre, RS: L&MP, 2014.

GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo** / Peter Gay; Tradução de Denise Bottmann; Consultoria editorial Luiz Meyer. – 2ª Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GOMES, M. R. A teologia como antropologia e a religião como ilusão: dimensões acerca do fenômeno religioso em Ludwig Feuerbach e Sigmund Freud. **Caderno Intersaberes**. V. 9, n. 19 – 2020. Disponível em: <https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/1148>

KIRK, G. S e RAVEN, J. E. **Os Filósofos Pré-socráticos**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

LOPES, R. W. **Antropologia e Moral em Ludwig Feuerbach: sobre felicidade e liberdade** / Rafael Werner Lopes / Porto Alegre, RS - Editora Fi, 2014.

SERRÃO, A. V. Ser e agir para uma articulação entre antropologia e ética em Ludwig Feuerbach. **Revista Dialectus**. Ano 2. n.6 Janeiro – Agosto 2015. P. 47-59. Disponível em: <http://www.revistadialectus.ufc.br/index.php/ForaDoAr/article/view/209>

SERRÃO, A. **A humanidade da Razão: Ludwig Feuerbach e o projeto de uma antropologia integral** / Adriana Veríssimo Serrão / Fundação Calouste Gulbekian fundação para ciência e tecnologia, Braga – PT, 1998.

_____. A Essência da religião em geral: uma análise da introdução a *Das Wesen des Christentums* de Ludwig Feuerbach. **Ensaio Filosóficos**. Volume X – Dezembro, 2014.

VELIQ, F. Objetivação e Projeção: a crença religiosa a partir de Feuerbach e

Freud. **Revista Tecer** - Belo Horizonte – vol. 10, nº 18, maio de 2017.
Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-izabela/index.php/tec/article/view/1315>

WARTOFSKY, M. W. **Feuerbach**. Cambridge University Press, 2011.

ZILLES, U. **Filosofia da Religião** / Urbano Zilles. – São Paulo: Paulus, 1991.

¹ Mestrando em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). ORcid: <https://orcid.org/0000-0003-0835-0331>, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3620298836059463>

² Wartofsky (2011, p. 01): “As to Feuerbach finest insights, they have been absorbed and transformed in the works of Marx, Freud, Dewey and Lukács.”

³ Kirk e Raven (1982, p. 172-173) Mas se os bois e os cavalos ou leões tivessem mãos ou fossem capazes de com elas, desenhar e produzir obras, como os homens, os cavalos desenhariam as formas dos deuses semelhantes às dos cavalos, e os bois à dos bois, e fariam os seus corpos tal como um deles o tem.

Recebido em: 01/2022

Aprovado em: 07/2022